

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

EUCLIDES TAVARES DOS SANTOS

Pentecostalismo em Natal: Conservadorismo *versus* secularismo.



NATAL/RN

2006

EUCLIDES TAVARES DOS SANTOS



Pentecostalismo em Natal: Conservadorismo *versus* secularismo.

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Mestre Wicliffe de Andrade Costa.

NATAL/RN

2006

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
1. O FENÔMENO PENTECOSTAL NO BRASIL:	
1.1. Entendendo o termo “pentecostalismo”	6
1.2. Antecedentes da Igreja Pentecostal no Brasil.....	7
1.3. A chegada da Assembléia de Deus no Brasil.....	11
2. FATORES DE CRESCIMENTO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS:	
2.1. Estratégias empregadas.....	13
2.2. Condições favoráveis ao crescimento das AD.....	14
3. PENTECOSTALISMO: ELEMENTOS DE UMA IDENTIDADE:	
3.1. Conversão religiosa e rupturas sociais.....	22
3.2. Conversão religiosa e mudanças de comportamento.....	27
CONCLUSÃO.....	34
BIBLIOGRAFIA.....	36
ANEXOS.....	38

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ele ter permitido ultrapassar mais este obstáculo em minha vida, porque sem ele eu nada conseguiria, pois “Posso todas as coisas naquele que me fortalece”. (Filipenses 4:13)

Aos meus pais, que contribuíram de uma maneira muito especial para a minha formação.

Ao meu orientador, Wicliffe de Andrade Costa, por todo o tempo dedicado, pela paciência e por todos os ensinamentos transmitidos.

Aos demais professores e colegas do curso de História, que caminharam comigo ao longo dos anos, em especial a Gecionny, Henrique, Luis Eduardo Brandão Suassuna (Kokinho), Aurinete, Durval, Zoroastro e todos os demais, que não foram aqui citados (por falta de espaço). Todos contribuíram de uma forma muito carinhosa na realização desta monografia.

Aos meus colegas de trabalho, Thadeu, Thêmis, Ana Cabral, Ariadna, Zilda e Edna, pela força e o apoio dado nas horas em que precisei.

Aos meus amigos e irmãos, Sadrak, Sérgio, Eliude, Elcy, Anselmo, Marcos, Wagner, Wilzeli, que lutaram junto comigo e me apoiaram em oração, não me deixando desanimar.

A minha família, aos meus filhos Gabriela, André e Lucas. Em especial, a minha esposa e companheira Adriana pela dedicação, compreensão e apoio dados a mim sempre que precisei e, principalmente, durante a realização deste trabalho.

INTRODUÇÃO

A minha identificação com o tema proposto começou há alguns anos, quando entrei pela primeira vez em uma igreja evangélica, na qual permaneço até hoje. Durante esse período, tenho observado o crescimento do pentecostalismo em nossa cidade, principalmente nas camadas populares, nos bairros de periferia, a multiplicação das denominações pentecostais, principalmente a Assembléia de Deus.

O pentecostalismo no Rio Grande do Norte já tem mais de 80 anos de existência e milhares de adeptos, mas inexiste, ainda hoje, um trabalho acadêmico que aborde o assunto dentro desta proposta apresentada aqui. O que se encontram são apenas trabalhos puramente descritivos ou encomendados pela própria denominação, os quais apenas justificam a história que todos conhecem, trabalhos esses que não deixam de ser tendenciosos.

Atualmente, a igreja conta com 175 congregações na Capital e, aproximadamente, 600 templos no interior do Estado, chegando a ter cerca de 120 mil membros em todo o Rio Grande do Norte.

Por que esse crescimento tão rápido? Por que pessoas de baixo nível socioeconômico e com pouca escolaridade são atraídas facilmente pelos cultos e apelos dessas denominações? O que essas igrejas oferecem aos seus fiéis?

Este trabalho tem por objetivo investigar e responder algumas dessas indagações, além de analisar as transformações comportamentais daqueles que são membros da Assembléia de Deus, como também suas posturas em relação aos valores da sociedade, denominados por eles de "mundanos", imprimindo o

olhar de um historiador sobre esse tema ligado ao movimento religioso no Brasil, no Rio Grande do Norte e em Natal.

Um dos principais obstáculos com que me deparei ao desenvolver esta pesquisa foi a falta de documentos que abordassem o assunto. Por esta razão, fui levado a recorrer à escolha metodológica de entrevistas e à análise de um material bibliográfico acerca do tema. Dentre as obras exploradas destacam-se *Pentecostalismo*, de Luís de Castro Júnior, *Introdução ao protestantismo no Brasil*, de Antônio Gouvêa de Mendonça e Prócoro Velasques Filho, e *Os escolhidos de Deus*, de Regina Reyes Novaes.

Em nível de Rio Grande do Norte pude observar que o campo de pesquisa sobre o assunto também é bastante restrito, acentuando a dificuldade de se encontrar documentos que abordem o tema.

Assim, fica aqui o desafio de desvendar esse campo ainda tão inexplorado no nosso Estado, analisando as relações entre os membros e a igreja pentecostal, no que tange à questão comportamental.

No primeiro capítulo serão analisados os antecedentes do movimento pentecostal no Brasil, bem como o significado histórico do próprio termo "pentecostalismo".

O crescimento e as condições favoráveis para o desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil, como também as estratégias empregadas no alcance desse alvo, serão abordados no segundo capítulo deste trabalho.

Por fim, no terceiro capítulo serão analisadas as diversas transformações de âmbito comportamental do fiel que se converte ao pentecostalismo, mais precisamente, à Assembléia de Deus.

1. O Fenômeno Pentecostal no Brasil.

1.1. Entendendo o termo “pentecostalismo”.

Ao estudar o fenômeno religioso pentecostal faz-se necessário, inicialmente, entender a concepção do termo pentecostal ou pentecostalismo.

O termo pentecostalismo é originário de Pentecostes: “Cinquenta dias após a celebração da Páscoa, época de colheita da cevada, vinha a colheita do trigo, quando era comemorada a festa de Pentecostes, ou Festa das Semanas.”¹ Por ocasião da festa, segundo a narrativa bíblica, os apóstolos receberam o Espírito Santo que desceu como línguas de fogo sobre as suas cabeças e imediatamente começaram a falar em línguas estranhas (glossolalia), conforme o livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 2.

Atualmente os grupos religiosos que dão ênfase ao “batismo com o Espírito Santo”, que se evidencia na vida do crente através da manifestação de línguas estranhas, são denominados de pentecostais em alusão ao acontecimento bíblico.

Com relação à sua formação, essa ramificação do cristianismo é um fenômeno religioso recente, tanto na história da própria religião cristã, quanto na história da religiosidade brasileira.

¹ COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Minas Gerais: Ed. Betânia, 1991. p. 266.

1.2. Antecedentes da Igreja Pentecostal no Brasil.

Segundo Paul Freston, a raiz pentecostal no Brasil está ligada a um misticismo católico ocorrido na segunda metade do século XIX:

Houve precursores nacionais de um protestantismo mais místico. José Manuel da Conceição, ex-padre que se tornou pastor presbiteriano em 1865, acabou rompendo com os missionários porque sonhava com uma reforma do catolicismo que criasse “um cristianismo brasileiro... evangélico mas enraizado nas tradições e hábitos populares “ (Ribeiro 1979:206). Após sua morte prematura, surgiu Miguel Vieira Ferreira e a Igreja Evangélica Brasileira (1879). Rompendo com os presbiterianos (que lhe disseram que Deus não se dirige mais diretamente aos homens desde que lhes deu as Escrituras), Vieira pregava a necessidade de uma visão direta e sensível de Deus (Léonard 1963:339). Mas era uma igreja de ricos, pois Vieira era de uma das primeiras famílias políticas do Maranhão.²

Além desses casos protestantes de iluminismo religioso, havia os movimentos messiânicos, uma outra forma de proto-pentecostalismo pela sua natureza popular e por ocorrer manifestações de profecias e glossolalia. Apesar da existência desses elementos nacionais, o pentecostalismo brasileiro de fato resultou de um movimento que surgiu nos Estados Unidos da América, em 1906.

O pentecostalismo originou-se nas doutrinas de João Wesley e no avivamento metodista do século XVIII. O fundador do metodismo acreditava que o homem após a justificação deveria dedicar-se à santificação”.³

² FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. et. al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 72-73.

³ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**. São Paulo: Ática, 1995. p. 78.

João Wesley introduziu o conceito de uma segunda obra da graça divina, distinta da salvação, a qual ele chamava de “perfeição cristã”. Desta concepção se apropriaram os evangelistas e teólogos que faziam parte do movimento de santificação, conhecidos como *Holiness*, que surgiu nos Estados Unidos em meados do século XIX. Esse movimento separou-se dos metodistas, distinguindo conversão de santificação e denominando esta última de “batismo do Espírito Santo”. Os principais representantes dessa corrente foram Asa Maham e Charles Finney. Entre 1880 e 1923 surgiram cerca de duzentas denominações nos Estados Unidos.

Assim foram aparecendo os primeiros movimentos de características pentecostais e em um deles, Richard G. Sperling, pastor batista, promoveu reuniões na Carolina do Norte, marcadas por intensa glossolalia. Mas foi Charles Parham quem realmente aprofundou a discussão em torno do batismo do Espírito Santo.

Parham fundou o Lar de Curas Betel (1898) e o Colégio Bíblico Betel (1900) na cidade de Topeka, Kansas. Propôs, para seus alunos, a seguinte questão: existiria uma evidência bíblica para o batismo do Espírito Santo?

Após um tempo de pesquisa na Bíblia, os estudantes chegaram à conclusão de que a glossolalia era o sinal que procuravam.⁴

⁴ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995. p. 22.

Se o falar em línguas estranhas era a evidência para o batismo com o Espírito Santo, faltava agora comprovar essa experiência de fato. Alguém precisava falar em línguas estranhas.

A primeira experiência desse tipo foi vivida por Agnez Ozman, que recebeu o “dom de línguas”. Foi o começo do pentecostalismo nos Estados Unidos da América.

No início isolados, os grupos pentecostais logo passaram a se associar e realizaram a primeira convenção em Hot Springs, no estado do Arkansas, em 1914. Tal convenção favoreceu a criação das Assembléias de Deus, que apresentaram um crescimento acelerado.⁵

O movimento tomou proporções mundiais a partir do ministério de um negro que nasceu como escravo e foi aluno de Parham, chamado W. J. Seymour. Este organizava reuniões que atraía, principalmente as populações marginalizadas e que viviam a pressão da discriminação racial. Segundo Castro Júnior :

As reuniões organizadas por Seymour na rua Azusa, Los Angeles, eram freqüentadas por evangélicos, em sua maioria negros. O culto em que as manifestações anteriormente citadas ocorreram tinha como características os cânticos alegres e informais e as orações em voz alta, simultâneas. A imprensa norte-americana taxou a experiência de africanização da cultura americana.

No entanto, o fato ocorreu com pessoas pertencentes a um segmento população marginalizado pela discriminação racial e social, e que encontraram na religião, de cunho popular, uma maneira de enfrentar essas dificuldades.⁶

⁵ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo*. p.23

⁶ *Ibid.* p. 23.

Um outro fator que caracteriza o movimento pentecostal é a crença na volta de Cristo como cumprimento da promessa bíblica. No início essa crença tinha lugar de destaque no movimento, que foi dando lugar aos poucos ao dom de falar em línguas estranhas, como observou Freston:



Uma característica do nascente movimento era o seu adventismo, a expectativa da volta iminente de Cristo. Investia-se em divulgação mas não na estruturação de igrejas. Os pastores e missionários viviam de contribuições avulsas, sem salários regulares. A glossolalia era simples confirmação da iminência do fim. Dentro de poucos anos, no entanto, com a não-concretização do advento, a glossolalia assumiu a centralidade na teologia pentecostal.⁷

Para o pastor batista, W. H. Durham, a glossolalia evidenciava o batismo com o Espírito Santo, que ele afirmou ser a "segunda bênção" vivida pelo fiel. Esse fenômeno glossolálico tornou-se o ponto central da doutrina pentecostal, e, enfatizando esse ensino, o pentecostalismo se expandiu por outras localizações.

Os missionários americanos espalhados pelo mundo contribuíram para o expansionismo do movimento em outros países, incluindo o Brasil. Quando o pentecostalismo chegou ao nosso país, ainda era muito novo, fator que contribuiu para a formação de um movimento com características próprias no nosso território.

Ao analisar o desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil, Paul Freston nos fornece a seguinte classificação cronológica:

⁷ FRESTON, Paul. **Nem anjos nem demônios**. p. 75.

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). Essas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois as suas rivais (vindas do exterior, como a Igreja de Deus, ou de cismas da Assembléia, como a Igreja de Cristo) são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a Assembléia se expande geograficamente nesse período como a Igreja protestante nacional por excelência. Em alguns Estados do Norte, o protestantismo praticamente se reduz a ela. Para todos os efeitos a única grande igreja protestante a implantar-se e irradiar-se fora do eixo Rio - São Paulo, a Assembléia firmou, nas primeiras décadas, uma presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é *Paulista*. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), e em um outro grupo expressivo é a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980).⁸

1.3. A chegada da Assembléia de Deus no Brasil.

A Assembléia de Deus no Brasil teve seu início em 1910, com a chegada de dois missionários suecos a serviço da Igreja Batista de Chicago, Gunnar Vingren e Daniel Berg, que ficaram hospedados no templo batista em Belém. Não demorou muito para que as pregações dos missionários entrassem em choque com a doutrina batista, principalmente no que se referia à doutrina do batismo com o Espírito Santo. Quando apareceram as primeiras manifestações pentecostais, os adeptos das idéias de Berg e Vingren foram expulsos da Igreja Batista juntamente com os missionários suecos. Dezenove pessoas foram

⁸ FRESTON, Paul. *Nem anjos nem demônios*. p. 70.

excluídas e formaram a Missão de Fé Apostólica, primeiro nome da Assembléia de Deus, que só adotou o nome definitivo em 1918.

A partir de 1914, outros missionários suecos começaram a chegar ao Brasil para colaborar com Vingren e Berg. A influência desse movimento chegou à Ilha de Marajó e percorreu a estrada de ferro Belém – Bragança.

A expansão da Assembléia de Deus foi moderada e limitou-se nos primeiros 15 anos ao Norte e Nordeste do país, onde a oposição católica e a dependência social de boa parte da população não eram favoráveis à mudança de religião. No final dos anos 40 a Assembléia de Deus já havia ultrapassado a sua principal concorrente, a Congregação Cristã no Brasil. Além da ação planejada de seus líderes, o expansionismo da Assembléia de Deus se deu também, pela atuação de leigos, geralmente pessoas simples, que foram responsáveis principalmente pela expansão para outros estados do Brasil.

Em 1930 a denominação conquistou a autonomia em relação à missão sueca, ocorrendo à transferência da sede de Belém para o Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano ocorreu a primeira convenção geral da Assembléia de Deus, em Natal, assistida por 11 missionários suecos e 23 líderes brasileiros. Na ocasião todos os templos e salões que pertenciam à missão sueca foram entregues às igrejas brasileiras. Embora o valor do patrimônio não fosse tão significativo, a atitude significou a transferência paulatinamente dos trabalhos para os brasileiros.

2. Fatores de Crescimento das Assembléias de Deus

2.1. Estratégias empregadas

Os grupos pentecostais se diferenciam nas suas estratégias de divulgação e arregimentação de seguidores, pois as interpretações da Bíblia variam de uma denominação para outra, inclusive nos aspectos doutrinários. No caso da Congregação Cristã no Brasil, o evangelismo é permitido apenas de maneira pessoal. Nas Assembléias de Deus a evangelização vai desde a distribuição de folhetos até o uso do rádio e da televisão. As pregações em lugares públicos e de grande movimentação também são bastante utilizados. Na ocasião, é usado até equipamentos de som.

Embora o pentecostalismo atinja parcela significativa dos segmentos mais pobres da população brasileira, o uso de recursos eletrônicos torna-se freqüente. Isto começa já no interior da igreja ou salão usados para reuniões. Microfones, guitarras, baterias tornam-se elementos mais comuns nos cultos pentecostais modernos.

As estratégias variam de acordo com as reuniões ou às vezes são utilizadas nos diferentes momentos do culto. Em ocasiões especiais, como a visita de um pregador ou missionário, a divulgação é muito bem realizada, com faixas, cartazes e mensagens em emissoras de rádio.⁹

É importante observar que durante os cultos, há muito espaço para cânticos, orações coletivas e testemunho pessoal, momento em que o crente se expressa e é ouvido com muita atenção e entusiasmo pelo restante da platéia.

⁹ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995. p. 78.

Sempre essas reuniões terminam com um apelo do tipo: "Quem quer aceitar Jesus como seu Salvador?"

O forte conteúdo emocional, o tom de voz, as interpretações literais e a adaptação aos problemas do cotidiano são elementos marcantes da pregação pentecostal. Tal procedimento dá condições para o alcance de ouvintes e a conquista de novos adeptos.¹⁰

2.2. Condições favoráveis ao crescimento das AD

Diversos aspectos, que analisaremos neste capítulo, contribuíram para o crescimento dos movimentos pentecostais no Brasil, incluindo a AD, tais como, a falta de políticas públicas, agravadas pelo fenômeno da seca no meio rural, estimularam a vinda de migrantes para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Porém essas populações instalaram-se nas periferias dos centros urbanos que sem nenhuma infraestrutura básica de moradia, de saneamento básico, de educação e segurança acabaram gerando outros problemas sociais. É nesse contexto de exclusão social que a pregação pentecostal encontrou terreno fértil, para se expandir, como afirma Campos Júnior:

¹⁰ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo*. p. 80.

O pentecostalismo dirige-se a uma clientela pobre, massacrada pela exclusão e marginalização do capitalismo e que vê no discurso religioso negador do mundo sua alternativa para integrar-se pelo menos aos grupos comunitários. Com o crescimento urbano desordenado e intenso, os problemas disto decorrentes se agravaram de forma extrema. Nesse contexto os maiores grupos pentecostais construíram suas sedes nacionais, com o desenvolvimento de congregações (pequenas e médias igrejas) nas periferias e nas vizinhanças das grandes metrópoles.¹¹

Como podemos perceber, a mensagem pentecostal encontrou receptividade nos grupos marginalizados das grandes e pequenas cidades, como também do campo. Esses problemas sociais têm diversas causas.

No caso específico do Brasil isto pode ser verificado. Com as mudanças impostas por diferentes planos econômicos, a população deste país, cuja maioria ganha pouco mais que um salário mínimo, não dispõe de poder aquisitivo para sua sobrevivência e uma qualidade de vida mais digna. A população brasileira até 1940 estava concentrada no campo, mas com a industrialização da região Sudeste e uma modernização imposta pelo Estado verificou-se um deslocamento populacional de grandes proporções em direção às cidades.¹²

Com a urbanização acelerada a partir da década de 70, a migração e o crescimento urbano eram plenamente sentidos. Nesse período o Brasil já tinha 90 milhões de habitantes, surgindo assim os problemas sociais e os grupos reivindicatórios. A questão da moradia constituía um dos maiores problemas das

¹¹ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo*. p. 87.

¹² *Ibid.* p. 105.

grandes cidades. Setores progressistas da Igreja Católica iniciaram movimentos em torno das questões sociais.

Essa população carente, por não ter locais dignos e adequados para construir suas moradias, foram buscar o escape nas favelas que se constituiu em alternativa de abrigo para os mais carentes. "Também existe a alternativa dos conjuntos habitacionais, que são construídos, muitas vezes, distante das zonas centrais nas cidades maiores".¹³ Os moradores desses conjuntos enfrentam grandes problemas com o transporte, pois acabam gastando boa parte de seus salários para se deslocarem das periferias para os centros.

Nesse contexto urbano e econômico a proliferação de favelas, cortiços, barracos pelos diversos tipos de terrenos no espaço urbano torna-se comum. Como consequência, as condições de higiene nesses locais contribuem para a propagação de doenças e epidemias características de países subdesenvolvidos ou em fase de desenvolvimento.

"Além do problema da moradia, existe também o da fome que se alastra por todo o Terceiro Mundo".¹⁴

Nesse cenário de necessidades, carências sociais, fome, desperdícios de alimentos e epidemias que acometem boa parte da população brasileira, o discurso pentecostal fica fácil de ser aceito por essas pessoas, como afirma Campos Júnior:

Embora o Brasil seja um grande produtor de alimentos, estes são exportados em escala acentuada para países europeus e Estados Unidos. Grandes safras têm sido alcançadas, de forma

¹³ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo*. p. 108.

¹⁴ *Ibid.* p. 110.

específica na produção de grãos (soja, trigo, entre outros), mas o mercado interno é relegado a um plano secundário.

Em levantamentos percebe-se um desperdício de alimentos que vai desde as feiras livres (onde são comercializados verduras e legumes) até os grandes mercados. Com a desigualdade social resultante da enorme concentração de renda, uma massa de famintos e subnutridos compõe o quadro de habitantes do Brasil. Embora existam programas de combate à miséria, estes são assistencialistas em sua maioria, o que quer dizer: não combatem o mal pela raiz, não tratam das condições que originam os problemas aqui relacionados. Os governos se preocupam com as conseqüências, não encontrando meios para diminuir ou superar tais contradições, pois em certos casos estão com os agentes das mesmas.

Aliados à fome, os problemas de saúde também crescem em proporções desastrosas. As fraudes e o desvio de verbas, a falta de recursos para os hospitais conveniados compõem um quadro negativo para a sociedade, atingindo em cheio as faixas da população que se encontram numa posição econômica desfavorecida.¹⁵

COM PROMETIDOS

No Brasil, o acesso aos serviços de saúde deixou de ser facilitado aos mais carentes. Não só nos centros urbanos, mas em regiões do Nordeste várias doenças atingem grande parte da população.

Nessa situação de precariedade da saúde pública, os grupos ligados ao movimento pentecostal oferecem aquilo que alguns estudiosos, como o professor Douglas Teixeira Monteiro, denominaram de "pentecostalismo de cura divina". Que se diferenciou dos outros ramos pentecostais, que dão ênfase aos dons espirituais, como o falar em línguas estranhas, profecias, etc. Nesse movimento destaca-se principalmente a oração de "cura divina", na tentativa de livrar o doente do mal e o mesmo poder viver uma vida plena.

Utilizando tais estratégias o pentecostalismo se desenvolve no Brasil, enfatizando a necessidade de orações contínuas, com respeito a "cura divina",

¹⁵ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo*. 110-111.

incentivando até mesmo as correntes de oração que muitas vezes exige até sete semanas seguidas.

Aliado a todos esses problemas ainda observa-se a insegurança e a falta de assistência tornando constantes, o apego a outras alternativas de sobrevivência que se faz presente na vida dos segmentos mais pobres.

A questão da segurança atua, também, como fator da queda da qualidade de vida. Em especial nos grandes centros urbanos, a criminalidade aumentou de forma considerável, com um grande número de homicídios.

Nesse universo de insegurança e deterioração da qualidade de vida, a busca na religião e no sobrenatural de saídas para os problemas se torna comum.

O abandono da população mais carente por parte das instituições públicas atua como elemento facilitador na busca por esperança. Se as condições no mundo são precárias, não é de se admirar que essas pessoas se sintam atraídas por um discurso negador do “presente século”, discurso este, bem articulado pelas igrejas pentecostais, cuja finalidade é “arrebanhar” os marginalizados e desprezados pela sociedade.

“O movimento pentecostal surge como alternativa para os setores marginalizados e pobres que procuram sobreviver em meio às contradições violentas do sistema capitalista”.¹⁶

Para se ter uma idéia, um outro conceito muito desenvolvido entre os pentecostais é o da “proteção divina”. Segundo eles, Deus guarda e livra o seu povo dos problemas cotidianos”.¹⁷ Percebe-se que a religião surge como recurso para minimizar a violência do dia-a-dia, surgida na falha do poder público em proporcionar a essa população mais segurança. Muitos são os momentos de

¹⁶ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo*. p. 115.

¹⁷ *Ibid.* p. 117.

testemunhos em que fiéis relatam, em programas de rádio, sobre o “livramento” que receberam quando abordados por criminosos. Sobre esse aspecto afirmou ainda Campos Júnior:

A distância em relação aos serviços públicos caracteriza as populações de periferia. O crescimento da violência e as situações adversas a grande parte da população brasileira possibilitam a penetração de uma mensagem que apregoa a mudança de vida e a negação da realidade presente.¹⁸

Diante de tal situação os pregadores pentecostais afirmam que a conversão da pessoa está ligada diretamente com a mudança de situação de vida. Não são raras às vezes em que a mensagem do evangelho vem acompanhada de promessas de melhorias financeiras, de saúde e até espiritual.

Numa sociedade em que as pessoas vivem com medo e com baixa qualidade de vida, o apego ao discurso salvacionista e escatológico torna-se uma forma de defesa e esperança num mundo tão conturbado.

Como podemos perceber a mensagem pentecostal encontrou receptividade nos grupos marginalizados das grandes e pequenas cidades como também do campo. Observou Mendonça que

O fenômeno lingüístico do escamoteamento do sagrado é típico do protestantismo em geral. Mas ele é mais sensível em áreas protestantes de populações carentes e dominadas. Porque a religião, apesar de suas características de dominação, sempre

¹⁸ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo*. p. 118.

Corrigir uma
coisa mas
deixou outra
errada.

apresenta válvulas de retomada de poder que, embora num outro plano, podem compensar o que não está ao alcance dos fiéis no plano político e econômico. É por isso que movimentos pentecostais explodem mais no terceiro mundo e em setores das sociedades desenvolvidas, que apresentam áreas excessivamente diferenciadas no nível social.¹⁹

Campos Júnior também afirma que



Neste contexto, o pentecostalismo surge como uma religião que promete a resposta imediata para os sofrimentos do povo, mesmo que a nível espiritualista. Não só o pentecostalismo, mas outras correntes religiosas, como a umbanda, atuam num terreno onde existem a carência, a aflição e a desesperança, tornando-se crenças acessíveis aos marginalizados.²⁰

Além de todos esses problemas sociais, Souza nos lembra outra razão da propagação do movimento pentecostal no Brasil:

O pentecostalismo foi capaz de satisfazer certas demandas da mística popular brasileira para as quais tanto o protestantismo histórico como o catolicismo romano se mostraram incapazes de produzir uma resposta satisfatória.²¹

No âmbito espiritual e místico, o pentecostalismo se aproxima exatamente daqueles que, de certa forma, foram rejeitados pelo catolicismo e pelo

¹⁹ MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 11-59: Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. p. 234.

²⁰ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**. p. 112.

²¹ SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?** Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa, MG: Ultimato, 2004.p. 127 .

protestantismo histórico, que, de uma maneira ou de outra, não souberam satisfazer o que Souza chamou de “mística popular brasileira”.²²

É interessante observar outro fenômeno ligado ao movimento pentecostal:

O estudioso francês Émile Durkheim analisou um fenômeno por ele denominado de Anomia. Este fenômeno ocorre quando se tem um estado de desordem social ou pessoal causado pela ausência de normas. No caso dos migrantes nordestinos isto ocorre, pois as modificações em seu contexto existencial são muito profundas. Existe a perda de sua identidade, da raiz cultural, e a mudança para um sistema onde códigos de valores são diferentes, que provocam um choque contínuo com a realidade. Os valores morais e religiosos são quebrados. A formação católica é substituída em alguns momentos pelo pentecostalismo, pelo espiritismo e pela umbanda.²³

Percebe-se que, a indivíduo, ao sair do seu “habitat” natural, fica em um estado de desorganização pessoal, devido a perda da identidade da própria identidade, de seus valores culturais. Essa pessoa acaba se ^{Sentindo} sentido deslocada socialmente, encontrando nos grupos pentecostais acolhimento e identificação com os “irmãos” nessa nova realidade.

Portanto, nesse contexto escrito acima a proposta pentecostal acaba encontrando espaço para sua expansão junto a uma população em grande parte, doente, miserável e insegura.

²² SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?** Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa, MG: Ultimato, 2004. p. 127 .

²³ Apud. CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**. p. 114.

3. Pentecostalismo: Elementos de uma identidade.

3.1. Conversão religiosa e rupturas sociais.

Existe na sociedade brasileira um certo entendimento em relação à postura de comportamento dos protestantes, principalmente aqueles que congregam na Assembléia de Deus. Eles são identificados pelo que fazem ou deixam de fazer. Não fumam, não bebem, não dançam, não têm relação sexual fora do casamento e a aparência exterior é completamente diferente das outras pessoas no que se refere às vestimentas e até mesmo ao corte de cabelo.

Esse entendimento faz sentido, pois as igrejas protestantes brasileiras, surgidas do movimento missionário do século XIX, identificam a conversão ao evangelho com a rejeição de uma cultura e a adoção de outros padrões culturais, aos quais elas associam formas de comportamento específicas presididas por uma disciplina rígida, exercida energeticamente pela congregação local.²⁴

Entre os traços que caracterizam o pentecostalismo brasileiro, há ênfase na mudança de hábitos e na negação de um passado religioso, principalmente se este passado estiver ligado ao catolicismo. O fiel adquire, assim, uma identidade religiosa própria, que é evidenciada pela transformação do exterior.

Ao estudar essa questão, é importante analisar a herança protestante brasileira, que foi resultado da fusão ocorrida nos Estados Unidos durante os

²⁴ MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 205.

séculos XVIII e XIX entre o movimento puritano inglês, que alcançou grande repercussão durante o século XVII, o pietismo alemão, que floresceu no século XVIII e o movimento metodista, síntese puritano-pietista surgido na Inglaterra do século XVIII, que em sua doutrina da salvação se distanciou da pregação do protestantismo tradicional, que admitia a salvação exclusivamente pela fé.

Ao se fundirem, como já notamos, no protestantismo norte-americano, essas diferentes tendências geraram uma concepção da salvação que ficou fortemente marcada, por fim, pela teologia desenvolvida ao longo de sucessivas ondas de reavivamento religioso que transformaram definitivamente o perfil do protestantismo norte-americano, delineando, conseqüentemente, a face do protestantismo missionário no Brasil.²⁵

Três outros fatores contribuíram para a preservação e consolidação do perfil do protestantismo brasileiro: o primeiro se refere à formação teológica dos primeiros missionários que iniciaram a difusão do protestantismo no Brasil.

“Educados religiosa e teologicamente no ambiente leigo e quase irracional dos avivamentos religiosos norte-americanos – avesso, portanto, ao exercício teológico –, os primeiros missionários legaram, em geral, o que receberam”.²⁶

O segundo fator está diretamente relacionado ao trabalho dos colportores, isto é, vendedores de Bíblias, que, além de negociarem, exerciam o papel de pregadores leigos. “Os colportores precederam em muito a chegada de missionários e pastores, particularmente nas regiões rurais do país”.²⁷

²⁵ MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. p. 206.

²⁶ Ibid. p. 206.

²⁷ Ibid. p. 206.

Por fim, deve ser levado em conta o papel da “escola dominical”, decisivo na propagação da doutrina protestante. Mais uma vez é observado que a transferência do conhecimento religioso é papel dos leigos. Exatamente no interior dessa configuração religiosa iremos analisar a conexão entre salvação e comportamento. Prócoro Velásquez Filho, citando Christian Lalive D’Epinay, escreveu:

O protestante se distingue pela participação ativa nos cultos e na escola dominical; pela entrega fiel de 10% de tudo o que recebe, o dízimo, para o sustento de sua Igreja; por trazer visitantes às atividades de sua igreja para que ouçam a Palavra de Deus (evangelização); por não consumir bebida alcoólica, não fumar, não praticar jogos de azar, não dançar, ser fiel ao cônjuge, não profanar o domingo com atividades não-religiosas.²⁸

Assim, o fiel é reconhecido pela comunidade através de sua participação ativa dentro da denominação religiosa em que ele congrega, observado sempre as regras impostas pela igreja.

A espinha dorsal da Reforma Protestante do século XVI foi exatamente a pregação da doutrina da justificação pela fé, “segundo a qual o ser humano é perdoado de seus pecados pela confiança que deposita na misericórdia de Deus, manifestada na obra redentora de Jesus Cristo”.²⁹ Para os reformadores todo e qualquer mérito humano estava descartado, visto que, Cristo já havia realizado toda obra da redenção humana na cruz.

Porém, com o passar dos anos e a influência de vários movimentos protestantes, essa ênfase na justificação pela fé foi se perdendo e sendo

²⁸ MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. p. 206.

²⁹ *Ibid.* p. 207.

substituída, na prática, pela aceitação “de um corpo compacto de doutrinas como fizeram o puritanismo e o fundamentalismo, ou por um comportamento cujas regras são fixadas de antemão pela comunidade religiosa”.³⁰ O comportamento passa a ser o sinal visível de que o indivíduo havia experimentado a graça renovadora e justificadora de Deus. “A salvação resulta das graças administradas pela Igreja. *Extra ecclesia nulla salus*, isto é, fora da Igreja não há salvação”.³¹ Baseada nessa visão, a pessoa só seria salva se fosse aceita e permanecesse dentro da comunidade de fiéis, aceitando e praticando as regras de conduta impostas pela mesma.

No Brasil, a ética protestante é interiorizada e individualizada. O fiel recorre à disciplina comportamental não para transformar o mundo, mas para dominar-se e reprimir-se. Ele tem consciência de que é diferente e o mundo seria bem melhor se todos fossem iguais a ele.³²

Desde o início o protestantismo brasileiro tinha como alvo principal anunciar o evangelho aos povos semipagãos, isto é, os católicos. O ponto central do discurso e da ação dos missionários passou a enfatizar que Jesus era o único mediador entre Deus e os homens. “Isso provocou uma inversão nos valores e na ordem da ação missionária. A ética deixou de ser consequência da doutrina da salvação. Ao contrário: o comportamento passou a ser mais importante, pois era a evidência de que a salvação estava operando na vida do crente”.³³

³⁰ MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. p. 207.

³¹ *Ibid.* p. 207.

³² *Ibid.* p. 210.

³³ *Ibid.* p. 221.

A salvação agora tinha de ser assumida e evidenciada pelo comportamento exterior, não bastava mais à crença na doutrina da salvação pela fé em Jesus Cristo, isso não caracterizava mais o verdadeiro crente. Era necessário que a comunidade controlasse o indivíduo através de regras comportamentais. “Para que isto ocorresse, deveriam ser estabelecidas regras disciplinares que definissem, com maior precisão possível, o que o crente podia ou não fazer”.³⁴

Essas regras disciplinares eram muito rígidas e tinham a função clara de separar o profano do sagrado, o material do espiritual, o mal do bem, o mundo do Reino de Deus e o crente do “pecado”.

Todos aqueles que viviam na esfera espiritual do sagrado e em harmonia com o Reino de Deus e sua vontade, estavam de acordo com as regras disciplinares. Os outros que viviam na esfera do profano, fora da vontade de Deus, permaneciam fora da comunidade dos crentes. Os fiéis que violassem tais regras eram admoestados pelos líderes da congregação, ou em caso de não arrependimento poderia sofrer a exclusão da Igreja.

“Em regra o controle disciplinar que a comunidade exerce sobre os “crentes” é muito severo. O membro da comunidade nunca poderá alegar ignorância do interdito. Tem obrigação de conhecer os limites entre o permitido e o proibido”.³⁵

A conversão do indivíduo do catolicismo para o protestantismo é seguida por uma série de rupturas, muitas delas dolorosas. Os brasileiros foram formados dentro de uma visão de mundo forjada pelo catolicismo romano, que é alterada quando ocorre a conversão à religião protestante. O que ele antes praticavam e

³⁴ MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. p. 221.

³⁵ Ibid. p. 222.

acreditavam que era certo geralmente transforma-se no errado. É uma reconstrução de valores morais, sociais e espirituais para o novo crente.

O rompimento mais doloroso é com o conceito de família. A família "carnal" (pais, filhos, tios, sobrinhos, irmãos, primas) passa a ter seu valor relativizado e, por vezes, negado, caso não pertença à mesma comunidade da fé. A verdadeira família passa a ser a nova comunidade recém-adotada. Sempre que houver conflito de valores entre a família carnal e a família da fé, deverão prevalecer os valores desta última, pois ela passou a ser a nova ordem normativa e a legítima vontade de Deus. Os verdadeiros amigos e companheiros de todas as horas serão os membros da comunidade da fé, especialmente aqueles da mesma faixa etária, sexo e nível social.³⁶

Assim sendo, de acordo com o protestantismo de origem norte-americana, a verdadeira conversão está condicionada ao cumprimento de uma série de regras disciplinares, fazendo com que o indivíduo negue até mesmo as suas origens para abraçar um novo padrão de comportamento, que vai modificar as suas atitudes em diversas áreas de sua vida privada.

3.2. Conversão religiosa e mudanças de comportamento.

O significado de ser crente para os membros da Assembléia de Deus, em Natal, é romper com o "velho homem", é a negação de práticas ligadas ao passado, é está de acordo com a vontade de Deus. Essa visão é uma característica inerente aos membros da AD. Os depoimentos dados em algumas

³⁶ MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** p. 226.

entrevistas mostram uma certa conformidade a esse respeito. Perguntado sobre o significado de ser "crente", um membro da Assembléia de Deus respondeu:

Ser crente, acima de tudo é ter compromisso com Cristo. O que aconteceu comigo foi uma experiência pessoal de transformação de vida. Hoje, a nossa missão aqui na terra é agradar ao Senhor e levar uma vida reta, separado daquelas coisas que não agradam a Deus. Devemos procurar fazer a vontade de dele, acima de qualquer coisa, amando ao próximo como a nós mesmo.³⁷

Outro respondeu assim:

Ser crente para mim é ter comunhão com meu irmão, seguir a paz com todos e ter a esperança viva de que Jesus vem e eu vou com ele. Como a própria Palavra diz: "é pela loucura da pregação, aprouve a Deus salvar". Quem? Os crentes. Crente pode ser genérico. Pode ser crente, discípulo, apóstolo, mas que tenha uma certa colocação. Para mim, crente é apenas uma colocação.³⁸

O significado de ser crente para os membros da AD em Natal é ter contato com o sobrenatural, é ser uma pessoa especial, é seguir os ensinamentos de Deus contidos na Bíblia, ou seja, é ser um "escolhido de Deus".

³⁷ Ivan Tavares da Silva. Entrevista concedida a Euclides Tavares dos Santos. 03/06/2006.

³⁸ Joás Ferreira de Andrade. Entrevista concedida a Euclides Tavares dos Santos. 08/06/2006.

Para a maioria dos membros da AD a conversão está intimamente ligada às mudanças nos costumes, mudanças de valores, que enfatizam a separação do crente das coisas do mundo. Na análise de Regina Reyes Novaes:

Os vícios (fumo, bebida, jogos), a moda (roupas curtas e sem mangas, cabelos curtos, pinturas para as mulheres, trajes sóbrios e cabelos aparados para os homens), as festas, danças, cinemas e televisão são "coisas do mundo" das quais os crentes devem se afastar. Ainda a infidelidade conjugal, conflitos com parentes, vizinhos ou desconhecidos, contraimento de dívidas são comportamento que o crente deve, a todo custo, evitar.³⁹

Perguntados sobre essa questão da mudança de costumes os membros da Assembléia de Deus, em Natal, têm posições semelhantes:

Acredito que a conversão acontece de dentro para fora; então, quando o ser humano tem um encontro verdadeiro com Cristo acontece uma transformação interna que se evidencia no exterior: na maneira de falar, de vestir, em sua postura; enfim, conseqüentemente há uma mudança que envolve a parte exterior. Acredito que com o sexo masculino é até mais fácil, porque o homem não precisa, normalmente, de tantos apetrechos. O fator idade também influencia no exterior.⁴⁰

³⁹ NOVAES, Regina Reyes. *Os escolhidos de Deus: pentecostais, trabalhadores e cidadania*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. (Cadernos do Iser, 19). p. 77.

⁴⁰ Ivan Tavares da Silva. Entrevista concedida a Euclides Tavares dos Santos. 03/06/2006.

Esse outro entrevistado justificou a mudanças de costumes a questão de submissão às regras da igreja, isto é, se a pessoa escolheu congregar na Assembléia de Deus, deve cumprir o que os pastores pregam e exigem.



Na Assembléia de Deus temos os nossos costumes, e eu acredito que quando uma pessoa está na igreja, principalmente a AD que preza por alguns costumes, a pessoa deve seguir seus dogmas. No entanto, a salvação é algo individual, é você com Deus. Se você tem liberdade e tem sua consciência livre de fazer, de agir e de se vestir como queira, tudo bem, é entre você e Deus. Agora, se estou na AD tenho que ser cumprir as suas normas.⁴¹

Ocorrem também diferenças entre as igrejas do meio rural e aquelas que estão localizadas nos bairros de Natal. Há um consenso de que no interior os membros são muito mais fiéis às normas da igreja do que na capital, onde as pessoas, na sua maioria, principalmente os jovens, foram “contaminadas pelo mundanismo”, que entra na igreja, principalmente através da mídia. Questionado sobre esse assunto, Ivan Tavares respondeu:

Tive uma oportunidade de visitar algumas congregações do interior do estado e verifiquei que há diferença sim. Eles têm uma tendência de serem mais conservadores, tudo isso está ligado também a uma questão cultural. A gente ver que existem obreiros que não têm uma certa formação bíblica, que eu acho fundamental.⁴²

⁴¹ Joás Ferreira de Andrade. Entrevista concedida a Euclides Tavares dos Santos. 08/06/2006.

⁴² Ivan Tavares da Silva. Entrevista concedida a Euclides Tavares dos Santos. 03/06/2006.

O líder da mocidade da Assembléia de Deus do bairro de Nova Descoberta, em Natal, respondeu:

A igreja do interior do Estado preza pelos costumes que marcaram décadas. Década de 50, 60, 70 e 80. Você chega no interior e percebe as pessoas com as mesmas tradições e religiosidades, aqui na capital tem algumas igrejas que estão "abrindo", eu poderia até citar nomes de bairros e localizações. Na minha igreja, por exemplo, o nosso pastor bate muito na questão de uso e costumes, enquanto que outras igrejas aqui em Natal não estão nem aí, não estão se importando com os costumes da igreja. Os crentes do interior têm a sua tradição. Para se ter uma idéia, comparando com outros Estados, você liga no canal 27 vê a AD de Manaus/AM, vê os crentes de lá, co-irmãos da gente do mesmo jeito de uma Presbiteriana, de uma Batista de qualquer outra igreja tradicional. Na Paraíba, por exemplo, meu irmão estava de bermuda e desceu para comprar pão, quando chegou lá um irmão da igreja dele não o saudou com a paz do Senhor, porque achou que ele não era digno. Então, tem muito dessas coisas, tem muito uso e costumes.⁴³

Uma outra entrevistada, a missionária da Assembléia de Deus em Natal, Ana Paula, atribuiu essa diferença à rigidez e o conservadorismo dos pastores que lideram as igrejas no interior do Estado.

Há uma grande diferença entre as igrejas inseridas no interior com as igrejas da capital, pois no interior geralmente são pastores bem mais velhos que lideram. Então as igrejas no interior são bem mais rígidas com relação aos usos e costumes do que aqui na capital.⁴⁴

⁴³ Joás Ferreira de Andrade. Entrevista concedida a Euclides Tavares dos Santos. 08/06/2006.

⁴⁴ Ana Paula Dias Inocêncio. Entrevista concedida a Euclides Tavares dos Santos. 20/06/2006.

Na análise de Campos Júnior: “Se nas grandes cidades a pregação pentecostal encontrou espaço para a sua propagação, a vida simples e o profundo sentimento religioso próprios das populações interioranas favoreceram ainda mais a proliferação do movimento religioso.”⁴⁵

No segundo capítulo deste trabalho foram analisados alguns fatores de crescimento do pentecostalismo nas camadas populares. Ficou claro que a carência material das populações periféricas funciona como elemento essencial para a adesão ao discurso pentecostal.

Em Natal esse fenômeno de crescimento da Assembléia de Deus nos bairros de população de baixa renda também foi constatado. Das 175 congregações abertas em Natal, 88 estão localizadas na periferia, isto é, 50,5% do total de congregações. Questionados sobre os motivos desse crescimento no meio mais carente, alguns membros da Assembléia de Deus em Natal responderam:

As camadas menos favorecidas, geralmente, não têm com quem contar. Quando o homem conhece a Deus, ele só pode olhar para o alto como dizia o salmista: “olho para o alto, de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor”. Se formos olhar para a questão dos nossos políticos, eles estão desacreditados, o nosso governo é um descaso e as pessoas carentes sabem que não serão bem atendidas. Os brasileiros, de certa forma, estão mais politizados, eles estão perdendo definitivamente a credibilidade nos nossos políticos. Sendo assim, eles não têm a quem recorrer, não têm uma aplicação financeira, uma caderneta de poupança, não têm sequer um trocado debaixo do travesseiro. É aí que ele olha para o alto. Ele só tem que clamar a Deus. Portanto, nessa questão periférica devido à questão financeira, Deus é o único recurso.⁴⁶

⁴⁵ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. *Pentecostalismo*. São Paulo: Ática, 1995. p. 88.

⁴⁶ Ivan Tavares da Silva. Entrevista concedida a Euclides Tavares dos Santos. 03/06/2006.

A partir do momento em que o homem sente necessidades materiais, ele passa a buscar mais a Deus, através da oração e do louvor. Ele procura preencher o vazio que há na vida dele, independente de camada social. Temos visto também pessoas bem sucedidas e formadas buscarem a Deus. Agora, com relação à periferia, eu creio que é o desemprego que torna as pessoas mais carentes, elas buscam preencher essa lacuna na igreja.⁴⁷

É claro o entendimento de que a necessidade material é um elemento facilitador à aceitação desse movimento religioso, aliado a esperança de mudança de vida da população sofrida e discriminada pela sociedade e pelo poder público. Assim sendo, a Assembléia de Deus surge como uma "válvula de escape" das agruras desta vida mundana e da injustiças sociais.

⁴⁷ Maria das Graças Cardoso Tavares. Entrevista concedida a Euclides Tavares dos Santos. 03/06/2006.

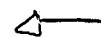
CONCLUSÃO

A propagação do pentecostalismo no Rio Grande do Norte, iniciada pela Assembléia de Deus, em 24 de maio de 1918, na cidade de Nova Cruz, significou um modo de opção religiosa aos potiguares de então, constituída de práticas que diferiam das práticas católicas e das igrejas protestantes tradicionais. A visão pentecostal sobre a conversão, evidenciada pela mudança de costumes, logo se tornou a principal característica dos seguidores dessa nova religião.

Atualmente as igrejas localizadas no interior do Estado do Rio Grande do Norte têm mantido uma postura mais conservadora no que diz respeito às normas disciplinares da Assembléia de Deus. Por outro lado, as igrejas da capital (Natal), têm se afastado ao longo dos anos, da rigidez nos usos e costumes, como consequência da "modernização" e do "mundanismo" que tem influenciado tanto as representações sociais, quanto às ações dos membros participantes da igreja, principalmente através dos indivíduos mais jovens.

A preocupação com a perda de identidade original - no que se refere às suas características doutrinárias e de comportamento dos fiéis - da Assembléia de Deus é perceptível tanto para seus líderes quanto para seus membros. Neste sentido, há uma preocupação quanto a esta mudança de comportamento, na medida em que levaria a uma "padronização" com o "mundo", ou seja, tornaria-os iguais aos demais indivíduos que se encontram fora da igreja. Assim, ao invés de praticar uma espécie de "ascetismo puritano" de tipo intramundano (ou seja, onde o indivíduo convive com as coisas do mundo, mas absolutamente afastado delas), os fiéis se vêem igualados àqueles que eles querem se diferenciar.

dos quais



Um outro aspecto evidenciado neste trabalho é o da rápida propagação do pentecostalismo nas populações mais carentes. Isto seria atribuído à uma proposta de alívio imediato em relação aos problemas do cotidiano, logo acolhida por grupos menos favorecidos enquanto alternativa de vida. Na medida em que o Estado não vem suprindo suas demandas de maneira satisfatória, relegando extensas camadas da população (à) níveis de pobreza e carência econômica e social.

Também é perceptível o processo de secularização e de desencantamento do mundo, assim como o aumento de individualização e de competitividade, que levam os indivíduos a perderem seus referenciais de grupo, sentindo-se como que abandonados à própria sorte. Neste sentido, a entrada numa comunidade coesa onde o indivíduo passa a encontrar não apenas uma identidade nova, mas também uma espécie de conforto “espiritual” e coletivo, onde é possível sentir-se membro de um grupo social que o protege e que lhe propicia um sentido para sua própria existência.

Nossa História sempre se viu permeada pela padronização e pela quase singularidade do discurso e das práticas religiosas, desde a chegada do colonizador português no século XVI. Assim, as práticas e vivências religiosas não católicas, como, por exemplo, o caso da religiosidade afro-brasileira, sempre foram relegadas à marginalidade. Deste modo, o que aqui se busca é um olhar sobre a formação e as mudanças que marcaram o movimento pentecostal no Rio Grande do Norte, principalmente a sua instituição precursora: a Assembléia de Deus.

Bibliografia

CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**. São Paulo: Ática, 1995.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VANFANS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, Protestantes e Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. Natal: RN Econômico/Instituto Histórico e Geográfico/RN, 1999.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Minas Gerais: Ed. Betânia, 1991. ←

CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil**. Tradução: Mariana Nunel Echalar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. et. al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HOUAISS. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. São Paulo: Ed. Objetiva, 2002.

LAMDIM, Leilah. **Sinais dos Tempos: igrejas e seitas no Brasil**. Rio de Janeiro: ISER – Instituto de Estudos da Religião, 1989, (cadernos ISER, 21). ←

_____. **Sinais dos Tempos: diversidade religiosa no Brasil**. Rio de Janeiro: ISER – Instituto de Estudos da Religião, 1990, (cadernos ISER, 22).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola. 1996.

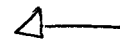
MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 11-59: Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil.

NOVAES, Regina Reyes. **Os escolhidos de Deus: pentecostais trabalhadores e cidadania**. São Paulo: ed. Marco Zero, 1985.

SIEPIERSKI, Paulo D. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro, IN. GUERREIRO, Silas. (Org). **O Estudo das Religiões: desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulina, 2003. (Coleção Estudos da ABHR). ←

SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?** Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa, MG: Ultimato, 2004.

READY, William R. **Fermento religioso nas massas do Brasil.** Campinas: Liv. Cristã Unida, [s.d].



ENTREVISTA 1

Entrevistado: Ivan Tavares da Silva – 43 anos

Dia: 03/06/06

1) Há quanto tempo você congrega na Assembléia de Deus?

Já congrego há 16 anos.

2) Qual a função que exerce na congregação?

Pela misericórdia de Deus, estamos ali no diaconato.

3) O que significa ser “crente” para você?

Ser crente, acima de tudo é ter compromisso com Cristo. O que aconteceu comigo foi uma experiência pessoal de transformação de vida. Hoje, a nossa missão aqui na terra é agradar ao Senhor e levar uma vida reta, separado daquelas coisas que não agradam a Deus. Devemos procurar fazer a vontade de dele, acima de qualquer coisa, amando ao próximo como a nós mesmo.

4) Para você, a conversão deve ser evidenciada pela mudança de costumes? Caso positivo, justifique.

Acredito que a conversão acontece de dentro para fora; então, quando o ser humano tem um encontro verdadeiro com Cristo acontece uma transformação interna que se evidencia no exterior: na maneira de falar, de vestir, em sua postura; enfim, conseqüentemente há uma mudança que envolve a parte exterior. Acredito que com o sexo masculino é até mais fácil, porque o homem não precisa, normalmente, de tantos apetrechos. O fator idade também influencia no exterior.

5) Que transformações você percebeu em relação à doutrina pentecostal, desde o tempo de sua conversão até hoje?

Em quase duas décadas a gente tem percebido que houve uma mudança considerável. Quando nós chegamos à igreja há 16 anos se percebia a evidência da atuação do Espírito Santo. É notório que o mundanismo tem entrado em nossas igrejas, isto inibe de certa forma, a atuação do Espírito Santo de Deus. Os antigos conservadores sempre batem muito forte na questão de usos e costumes e você começa a crer que a tolerância pode levar a isso. Acredito que a tolerância por parte de alguns pastores é uma situação muito difícil, não quero tocar aqui nessa questão de usos e costumes, é muito delicada. É notória a não atuação do Espírito Santo hoje em dia, à época em que nos convertemos. Naquela época acontecia o mover do Espírito Santo, a gente convivia com milagres freqüentes. Houve com certeza uma mudança nesses últimos anos, que pode ter até uma ligação direta com a liberalidade que vem existindo.

6) Você acredita que de certa forma ocorreu uma secularização do pentecostalismo, ou seja, a entrada do mundanismo na Igreja pentecostal?

A Assembléia de Deus tem bastante tempo no Brasil e sempre foi referência como uma igreja séria, uma instituição com tradição, conservadora; a gente sabe dos grandes feitos de Deus ocorridos através desta igreja. Concordo sim que o mundanismo entrou na Igreja, e isto mudou um pouco a visão. É bem verdade que algumas congregações ainda mantêm aquela doutrina que foi dada por Deus através dos evangelistas que trouxeram esse movimento pra cá. O secularismo tem entrado através do modismo, através do louvor, uma série de costumes que têm entrado na igreja

e tem desvirtuado um pouco as práticas, a boa prática, o bom costume é importante que haja no meio do povo de Deus.

7) Que influências oriundas do mundo têm penetrado dentro da Igreja pentecostal atual? Que conseqüências trouxeram para a AD atualmente?

Com relação à entrada do mundanismo através do louvor, da música, de certos costumes, posso aqui aproveitar e contar o exemplo que eu ouvir de um pastor que esteve na cidade de Porto Alegre, há seis anos, em visita a uma das congregações da Assembléia de Deus. Ele se surpreendeu ao ver jovens de cabelo grande, usando brinco e tatuagens, uma cultura um pouco diferente da nossa, mas que para eles era algo tido como normal. Hoje a gente pode ver os nossos jovens aderindo a esses modismos, que entram na nossa Igreja sorrateiramente e inibe, de certa forma, a atuação do Espírito Santo. A coisa vai ficando normal; de repente, até pecados mais graves vão entrando na Igreja e as pessoas vão ficando acomodadas. Esse tipo de situação vai tomando maiores proporções, causando danos a médio e a longo prazo. A Bíblia diz que nós somos o sal da terra, a luz do mundo e se o sal se tornar insípido pode refletir uma coisa danosa. Uma igreja insípida é uma igreja sem vida, uma igreja fria, uma igreja sem poder de atuação; como é que vamos fazer a diferença no mundo. É assim que eu creio, com mundanismo entrando na igreja o prejuízo é irreparável.

8) Você acredita que há uma diferença entre a postura da AD que se encontra no meio rural com a igreja localizada na cidade, no meio urbano?

Tive uma oportunidade de visitar algumas congregações do interior do estado e verifiquei que há diferença sim. Eles têm uma tendência de serem mais conservadores, tudo isso está ligado também a uma questão cultural. A gente ver que existem obreiros que não têm uma certa formação bíblica, que eu acho fundamental. Existem livros que oferecem a você novas experiências e lhe auxilia a conhecer o contexto, mas conhecer o texto sem o contexto se transforma em pretexto, a pessoa pode se perder ao trazer o ensino. Percebemos que existem realmente diferenças que são consideráveis, embora a gente veja o trabalhar de Deus operando na simplicidade dos irmãos, que são menos letrados, mas conserva a doutrina no temor de Deus.

9) A que você atribui o grande crescimento da AD na periferia?

As camadas menos favorecidas, geralmente, não têm com quem contar. Quando o homem conhece a Deus, ele só pode olhar para o alto como dizia o salmista: "olho para o alto, de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor". Se formos olhar para a questão dos nossos políticos, eles estão desacreditados, o nosso governo é um descaso e as pessoas carentes sabem que não serão bem atendidas. Os brasileiros, de certa forma, estão mais politizados, eles estão perdendo definitivamente a credibilidade nos nossos políticos. Sendo assim, eles não têm a quem recorrer, não têm uma aplicação financeira, uma caderneta de poupança, não têm sequer um trocado debaixo do travesseiro. É aí que ele olha para o alto. Ele só tem que clamar a Deus. Portanto, nessa questão periférica devido à questão financeira, Deus é o único recurso.



ENTREVISTA 2

Entrevistada: Maria das Graças Cardoso Tavares – 42 anos

Dia: 03/06/06

1) Há quanto tempo você congrega na Assembléia de Deus?

Há 16 anos.

2) Qual a função que exerce na congregação?

No momento nenhuma.

3) O que significa ser “crente” para você?

Ser crente, para mim é ser uma nova criatura, é crer no Evangelho do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

4) Para você, a conversão deve ser evidenciada pela mudança de costumes? Caso positivo, justifique.

Não, a conversão começa no interior do homem, a partir do momento em que ele tem consciência da existência de Deus e conhece a verdade. A Palavra diz: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Quando você tem um encontro com Cristo, quando você passa a obedecer a Palavra e a conhecer o que Deus quer de você, a conversão acontece.

5) Que transformações você percebeu em relação à doutrina pentecostal, desde o tempo de sua conversão até hoje?

No princípio da minha conversão, eu realmente tive um encontro com Deus, na minha casa, e foi sobrenatural. Realmente eu sentir a presença de Deus de uma forma especial na minha vida, e daí por diante fui tendo experiências reais com ele.

6) Em relação à doutrina e ao ensino pentecostal? Você acha que houve um certo relaxamento?

Realmente houve alguma mudança, há 16 anos era um pouquinho diferente, mas eu creio que houve uma certa influência na vida das pessoas, acho que mudou para melhor, para ter uma vida transformada, e a igreja ajuda nisso.

7) Você acha que de certa forma, ocorreu o mundanismo dentro da igreja pentecostal?

Em parte sim, realmente tem surgido observações feitas pelas pessoas mais antigas e experientes, que afirmam que tem entrado “corpo estranho”, na igreja coisas que não deveriam estar acontecendo. Se as pessoas observassem melhor, não deixariam determinadas coisas acontecerem.

8) Você atribui a quê? Essa entrada de coisas que não batem bem com a doutrina pentecostal.

Eu creio que é a partir da evolução do próprio homem que as coisas vão mudando e tudo vai acompanhando.

9) Então você acredita que à medida em que o mundo vai se transformando a igreja acompanha, de certa forma, essas transformações?

Com certeza. Há 16 anos, a igreja que tinha um computador estava complicada; hoje em dia, o computador já faz parte da vida da igreja, e aí daquela que não possui um. Isso significa que está mudando para melhor.

10) Que influências oriundas do mundo têm penetrado na Igreja pentecostal atual? E que conseqüências trouxeram para a AD atualmente?

A partir do momento que chegam pessoas dentro da igreja com muita fantasia, muita meninice, não é aceito pela igreja. Pular, bater palmas, ficar como uma pessoa desorientada e desequilibrada não traz nenhum ensinamento para a igreja. Ficar dançando e sapateando não traz nenhuma edificação para a igreja. Eu acho que é isso que a igreja não aceita.

11) A que você atribui o grande crescimento da AD na periferia?

A partir do momento em que o homem sente necessidades materiais, ele passa a buscar mais a Deus, através da oração e do louvor. Ele procura preencher o vazio que há na vida dele, independente de camada social. Temos visto também pessoas bem sucedidas e formadas buscarem a Deus. Agora, com relação à periferia, eu creio que é o desemprego que torna as pessoas mais carentes, elas buscam preencher essa lacuna na igreja.

ENTREVISTA 3

Entrevistado: Joás Ferreira de Andrade – 28 anos.

Dia: 08/06/06

1) Há quanto tempo você congrega na Assembléia de Deus?

Congrego desde nascido, sou membro desde 1993.

2) Qual a função que exerce na congregação?

Exerço a função de liderança da mocidade, ou como se fala na própria AD, presidente da mocidade.

3) Para você, a conversão deve ser evidenciada pela mudança de costumes? Caso positivo, justifique.

Na AD temos os nossos costumes, e eu acredito que quando uma pessoa está na igreja, principalmente a AD que preza por alguns costumes, a pessoa deve seguir seus dogmas. No entanto, a salvação é algo individual, é você com Deus. Se você tem liberdade e tem sua consciência livre de fazer, de agir e de se vestir como queira, tudo bem, é entre você e Deus. Agora, se estou na AD tenho que ser cumprir as suas normas.

4) O que significa ser "crente" para você?

Ser crente para mim é ter comunhão com meu irmão, seguir a paz com todos e ter a esperança viva de que Jesus vem e eu vou com ele. Como a própria Palavra diz: "é pela loucura da pregação, aprouve a Deus salvar". Quem? Os crentes. Crente pode ser genérico. Pode ser crente, discípulo, apóstolo, mas que tenha uma certa colocação. Para mim, crente é apenas uma colocação.

5) Que transformações você percebeu em relação à doutrina pentecostal, desde o tempo de sua conversão até hoje?

Realmente a igreja passa por uma evolução, e no decorrer dos tempos houve mudanças sim, mudanças de costumes. Pessoas mais idôneas podem falar que há 15 anos as mulheres andavam com saias muito longas e prezavam mais os costumes. Hoje, existem algumas igrejas que preservam e outras não, outras são liberadas. Na própria AD há mudança de costumes, de linguagem, de roupa, há mudanças que alguns aprovam e outros não.

6) Que influências oriundas do mundo têm penetrado dentro da Igreja pentecostal atual? E que conseqüências trouxeram para a AD atualmente?

Infelizmente, hoje, nós percebemos que os meios de comunicação influenciam as pessoas. Através dessas influências, muitas vezes, os jovens, principalmente, tendem a ter uma postura mundana, a copiar aquilo que existe no mundo, levando para dentro da igreja. Isto, para mim, é um fator negativo.

7) Então você acredita que de certa forma ocorreu uma secularização do pentecostalismo, ou seja, a entrada do mundanismo na Igreja pentecostal? A igreja se parecendo mais com o mundo?

Infelizmente isso ocorre hoje na igreja, a secularização. O povo fica tão acostumado em ser crente, que, de repente, seculariza, pensa que a igreja é um clube ou um baile onde se encontram nas terças, quintas e domingos.

8) Você acredita que há uma diferença entre a postura da AD que se encontra no meio rural comparando com a igreja localizada na cidade, no meio urbano?

A igreja do interior do Estado preza pelos costumes que marcaram décadas. Década de 50, 60, 70 e 80. Você chega no interior e percebe as pessoas com as mesmas tradições e religiosidades, aqui na capital tem algumas igrejas que estão "abrindo", eu poderia até citar nomes de bairros e localizações. Na minha, igreja, por exemplo, o nosso pastor bate muito na questão de uso e costumes, enquanto que outras igrejas aqui em Natal não estão nem aí, não estão se importando com os costumes da igreja. Os crentes do interior têm a sua tradição. Para se ter uma idéia, comparando com outros Estados, você liga no canal 27 vê a AD de Manaus/AM, vê os crentes de lá, co-irmãos da gente do mesmo jeito de uma Presbiteriana, de uma Batista de qualquer uma outra igreja tradicional. Na Paraíba, por exemplo, meu irmão estava de bermuda e desceu para comprar pão, quando chegou lá um irmão da igreja dele não o saudou com a paz do Senhor, porque achou que ele não era digno. Então, tem muito dessas coisas, tem muito uso e costumes.

9) A que você atribui o grande crescimento da AD na periferia?

Na nossa cidade, por exemplo, tem AD em todos os bairros. Se eu não estou enganado são 180, mas eu acredito que é por carência mesmo, carência de Deus, muitas vezes as igrejas tradicionais ou outras igrejas não têm um acesso a essas pessoas.

10) Você acha que o discurso pentecostal não é um discurso que traz algum alento em relação à dificuldade material que essas pessoas vivem?

Eu acredito que não, porque se fosse assim a nossa igreja não teria de ASG a juiz de direito.